

Uma associação para fixar a memória do mundo rural

Binaural Nodar integra projecto europeu reconhecido com o prémio Europa Nostra pelo trabalho para preservar o património das comunidades de montanha

Camilo Soldado Texto
Sérgio Azenha Fotografia

Em 2004, quando a Binaural Nodar começou a sua actividade, o ponto de partida foi “a percepção de um mundo rural que estava a ser reduzido a meia dúzia de chavões como o artesanato, os ranchos folclóricos e poucos mais”, introduz o coordenador da associação, Luís Costa. “Havia uma série de aspectos que estavam escondidos” e aos quais era preciso retornar.

E foi essa ideia de retorno – que significou também o regresso de Luís Costa, então economista em Lisboa, a Nodar, a sua aldeia natal, em São Pedro do Sul, de onde tinha saído aos seis anos – que serve de base a uma associação que se dedica a trabalhar o património cultural e etnográfico da região de Dão Lafões, através das paisagens sonoras, documentação etnográfica audiovisual, da educação e das artes. “Queríamos ir tentando escavar, perceber como é que estas comunidades foram sobrevivendo ao longo dos séculos, em contexto de auto-subsistência, mas também de grande adaptabilidade e resiliência”, diz.

Década e meia depois desse retorno, a associação vê parte desse trabalho reconhecido com o prémio Europa Nostra, uma distinção atribuída na semana passada à Rede Tramontana III, um projecto composto por oito parceiros de seis países, que a Binaural Nodar integra. O prémio na categoria de investigação foi atribuído pelo “forte exemplo da importância da pesquisa como motor para equipar essas comunidades [de montanha] com as ferramentas necessárias para preservar e celebrar o seu património”.

O prémio chega num ano complexo. Além de toda a singularidade de 2020, a Binaural tinha ficado de fora dos apoios da Direcção-Geral das Artes pela primeira vez em 15 anos

(uma situação parcialmente revertida com os apoios extraordinários para as estruturas culturais por causa da pandemia), explica o coordenador, em conversa com o PÚBLICO, no jardim do Museu do Linho, um pequeno complexo de três edifícios encaixados no miolo de Várzea de Calde, uma aldeia do Norte de Viseu, onde a Binaural está a trabalhar na mais recente instalação.

Seguir trilhos

“Não digo que estivéssemos desanimados, mas sim num ano de reformulação, [de reflectir] como vamos trabalhar daqui para a frente”, acrescenta. Agora, o prémio Europa Nostra dá ao grupo “um certo alento para seguir alguns trilhos, nomeadamente para não abandonar a questão etnográfica”, que sente que é “a base do trabalho artístico”.

Sim, porque além de todo o trabalho de recolha e captação de todas as memórias das aldeias que dão corpo ao arquivo digital da Binaural Nodar, a associação tem vindo a acolher residência artística, para que esses elementos de preservação de memória que são captados possam alimentar as práticas contemporâneas de criação. É também a partir desse arquivo digital – que conta já com centenas de registos, entre paisagens sonoras, entrevistas ou gravações de cantigas – que estabelecem a sua relação com museus, mas também o seu projecto educativo, mais orientado para escolas.

“Não podemos estar só a trabalhar sobre os despojos de um mundo que aparentemente está em decadência. Temos também de trabalhar com as novas gerações, mesmo que elas estejam com a cabeça projectada na cidade”, afirma Luís Costa. E esse esforço fino, acredita, pode fazer a diferença, “mas não é um trabalho de salvação”. Rejeita a veleidade de querer “inverter o despovoamento” de uma região que se habituou a ver mais gente par-



Uma aldeia é uma malha infinita de possibilidades: há cruzamentos por fazer e muitas possibilidades de comunicação entre estruturas – culturais, educativas, do território – para que o mundo rural tenha outro tipo de dignidade

Luís Costa

Coordenador da Binaural Nodar

tir do que a chegar, mas a Binaural pode, enquanto exemplo, “influenciar outros processos”.

E prossegue: “Não vamos salvar coisa alguma nem impedir que as pessoas deixem de tomar as suas decisões. Como é que vamos dizer a alguém que não emigre para a Suíça

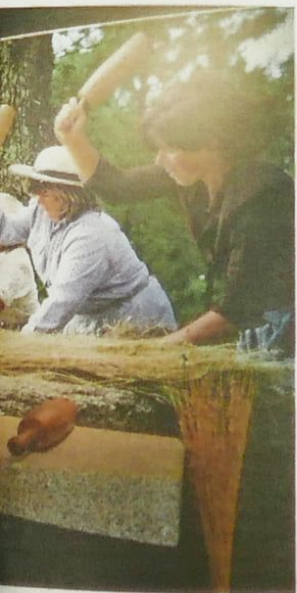


se a pessoa aqui ganha 500 euros e lá ganha 3 mil? Não podemos ter esse peso nos ombros, mas estamos cá.”

O som dos carros

A Rede Tramontana III é composta por gente com “filosofias parecidas”, refere Luís Costa. O ponto comum

destas associações de Portugal, Espanha, França, Itália, Roménia e Polónia é a intervenção em zonas de montanha, mas todas trabalham de maneira diferente. Há quem se debruce mais sobre a etno-linguística (sotaques, dialectos e toponímia), quem apenas opere com som e quem aborde a



Luis Costa coordena a associação Binaural Nodar, que integra a Rede Tramontana III e acaba de ser agraciada com prémio Europa Nostra. O último projecto é uma instalação no Museu do Linho

6

associações compõem a Rede Tramontana III, todas com "filosofias parecidas" entre Portugal, Espanha, França, Itália, Roménia e Polónia

15

anos. Pela primeira vez, a Binaural ficou fora dos apoios da Direcção-Geral das Artes

conta. Foram estes contactos que permitiram à associação, que começou por se instalar em Nodar mas que hoje tem sede em Vouzela, avançar nos seus próprios processos.

Estas linhas que ligam as montanhas europeias também alimentaram a criação artística. O projecto Habi-

Lin, por exemplo, partiu desse ponto comum que é a produção de linho em vários destes territórios para resultar numa instalação sonora e visual com histórias do linho de toda a Europa.

"Outro tema que temos trabalhado muito com os nossos parceiros são os carros de vacas: qual é o som, qual a função que tinham, como é que se preparava as vacas para poderem arar um terreno", diz Luis Costa, naquela que é uma tradição comum a vários destes territórios. Uma audição cuidada, acrescenta, permite distinguir os vários carros, dependendo da madeira utilizada para a sua construção, dos rodados mais ou menos oleados e da própria morfologia do terreno.

No início da conversa, Luis Costa tinha começado por dizer que a Binaural Nodar "olha para uma aldeia como para uma malha infinita de possibilidades", numa observação que vai muito para lá do aspecto patrimonial. "Há muitos e necessários cruzamentos por fazer", defende, "há muitas possibilidades de comunicação entre estruturas – culturais, educativas, do território – para que o mundo rural tenha outro tipo de dignidade em Portugal". Um mundo que continua a ser olhado de lado, com uma estampa ligada ao Estado Novo, "de zonas pobres deprimidas e tristes". Luis Costa não partilha dessa visão e está aqui para ajudar a transformar.

Museu do Linho

O linho como fio condutor, a paisagem como continuidade

Camilo Soldado

A história da aldeia de Várzea de Calde, no concelho de Viseu, conta-se ao ritmo das mulheres que ainda hoje trabalham no ciclo da produção do linho, da sementeira à tecelagem, passando pelo longo e vigoroso processo de maçar e tascar a fibra. A mais recente instalação audiovisual da Binaural Nodar, *Cor, Coro, Corpo*, que abriu anteontem ao público, no Museu do Linho de Várzea de Calde, pega neste processo e estabelece uma ligação entre paisagem, as roupas das mulheres e as vozes que cantam enquanto as mãos trabalham. A instalação é composta por um vídeo de pequenos apontamentos, "como se fosse uma lupa" sobre os tecidos escolhidos, acompanhada por uma peça sonora que se vai enchendo e esvaziando de vozes".

Várzea de Calde mantém activo o seu Grupo Etnográfico de Trajes e Cantes, que tem sido fonte preciosa do trabalho da Binaural, explica o coordenador da associação e autor desta composição sonora e edição de vídeo. "No dia em que as filmagens foram feitas, gravámos sete canções que se juntam a umas 40 que já tínhamos gravado", explica. Este trabalho "parte um bocado desta ideia de que há um fio condutor, um fluxo, que vai das formas da paisagem à própria escolha das roupas", refere.

E o que a Binaural Nodar vai recolhendo serve também para alimentar o seu arquivo digital, que mantém a memória de determinado momento. "É muito interessante voltar atrás dez ou 15 anos" e encontrar sons diferentes dos mesmos territórios, explica o coordenador, com uma máquina agrícola que vai laborando a terra lá ao longe como rumor de fundo. "O que é mostrado agora em exposição é perpetuado no tempo, no sentido em que fica registado. Tentamos fugir a essa ideia de efémero", diz.

Nesse exercício de tentar identificar as mudanças, activamos sensores ancestrais. "As pessoas acabavam por usar os sentidos todos. Por exemplo, quando iam à procura de plantas medicinais, sabiam exactamente qual era o cheiro e conheciam centenas de plantas, tinham esse conhecimento profundo", conta Luis Costa. Isto demonstra a "memória impressionante" das pessoas destes territórios, que a exposição *Plantas Faladas* procura preservar.

A exposição, também aberta ao

público no Museu da Várzea de Calde, onde a Binaural tem vindo a desenvolver vários trabalhos, aborda a relação da comunidade com as plantas. Montado com paisagens sonoras e entrevistas a partir de um conjunto de entrevistas a habitantes da aldeia, o trabalho que pretende ser um arquivo de memória digital aborda a conexão terapéutica, simbólica e gastronómica entre pessoas e as plantas que as rodeiam.

A ligação institucional a este museu (que pertence à autarquia de Viseu) representa também um efeito da visibilidade do trabalho da Binaural, diz Luis Costa. "É isso que noto que há mais gente que nos bate à porta", refere o coordenador da associação que tem trabalhado de perto com os municípios de Viseu, Vouzela e Castro Daire.

“

O que é mostrado agora é perpetuado no tempo, no sentido em que fica registado. Tentamos fugir a essa ideia de efémero

Luis Costa



A instalação da Binaural Nodar no Museu do Linho

musicologia para lhe dar uma actualização. Daqui sai também uma troca de metodologias que enriquece a actividade de cada um. "Em 2004, já fazíamos recolhas, mas não estávamos equipados com todas as ferramentas conceptuais para fazer boas recolhas, para catalogar bem os documentos",